CONHECIMENTOS UTEIS.

DOCUMENTO EM ABONO DO BRADO QUE A REVISTA LEVANTOU A FAVOR DA PROPRIEDADE LITTERARIA.

Quando, no segundo numero da nossa Redacção, escrevemos um artigo, em que patenteavamos — qual era o desgraçado estado de tão grave materia, tomámos sobre nós a responsabilidade de não largar de mão tão justo empenho, senão quando perdessemos a esperança de alcançar uma só concessão, em favor das lettras patrias; — ou quando houvessemos alcançado todas quantas são devidas á mais nobre e util profissão da sociedade.

Cumpriremos o promettido.

Esperâmos que toda a imprensa fará o mesmo, e já vimos, que a *Nação*, tomando tambem a peito tão grave assumpto, veio auxiliar-nos n'esta cruzada, a favor de um direito santo. Honra lhe seja.

O nosso artigo, reproduzido mui honrosamente pelo *Iris*, foi causa de que a questão tomasse, no Brasil, um aspecto importante para a sua solução.

A *Chronica Litteraria*, que do Brasil recebemos, não só com a carta, que ao diante vae, como ainda por outra via, nos ministra thema para com muita brevidade chamarmos a attenção do Governo, e dos muitos interessados, sobre um ponto, como então demonstraremos, que é de maximo interesse.

Por hoje assentâmos, que a carta do Sr. José Castilho, que vamos publicar, será bastante para se conhecer a altura em que vae a contrafacção.

Entre outros serviços que as lettras devem a este cavalheiro, avultará, por certo, o que ao presente está prestando, zelando tão assiduamente os interesses litterarios da sua patria.

Eis-aqui a importante carta a que nos referimos.

—

CARTA.

Rio de janeiro, 30 *de abril de* 1848.

Sr. Redactor.

690 Vendo o..... artigo que V. publicou, sobre roubos de propriedade litteraria portugueza no Brasil, apresso-me em communicar-lhe o que tem ultimamente occorrido n'este importante assumpto.

A leitura n'este imperio não é tão extensa como nós ahi julgâmos, nem póde ser avaliada por prysmas enganadores.....

.....

Todavia é para os nossos homens de lettras um mercado importante, e que, por varias causas, se póde considerar como estando, de facto, ha muito fechado para elles.

Concorre para este terrivel effeito a impunidade das contrafacções. Obra de merito, que sáia de prélos portuguezes, geralmente aqui se reimprime logo; hoje, por exemplo, annunciam os jornaes a reimpressão da versão dos Peccados Mortaes, feita pelo meu amigo e condiscipulo José Pereira Reis, traductor dos Mysterios de Paris.

Lamentando eu este facto, e fazendo sentir que elle prejudicaria, em futuro proximo, os interesses brasileiros, pela penna de talião, alguns homens distinctos me respondiam que, por ora, não tinha apparecido interessado algum, que reclamasse contra esta prática, tolerada consuetudinariamente; e que portanto não tinhamos, os portuguezes, rasão para nos queixarmos, porque até hoje haviamos deixado correr a causa á revelia.

Suppuz me habilitado, por particular posição, a quebrar este argumento, e a pôr a questão em termos claros. Fui examinar a legislação brasileira, e pareceu-me achar n'ella elementos para assentar a protecção dos nossos compatriotas. Em todo o caso, julguei que nos era mui conveniente saber, de um modo positivo, como a sociedade e a lei brasileiras intendiam esta criminosa industria, a fim de que as duas nações vissem n'este facto das reimpressões, ou um abuso que se pune, ou uma ommissão a que, por convenção internacional, importa pôr termo.

Havendo pois aqui obras minhas e de meus irmãos reimpressas, e sendo eu proprietario de umas e outras, annunciei, pelos jornaes, que não consentiria para o futuro eguaes reimpressões, reservando-me para, em caso de contravenção, pedir justiça aos tribunaes.

Para encurtar, direi, que um *portuguez!* José Ferreira Monteiro (pois bom é que ahi se saiba não serem brasileiros os que exercem esta industria) annunciou logo em seguida a proxima publicação de um volume, contendo nada menos de tres obras de meu irmão — Noite do Castello — Ciumes do Bardo — Amor e melancolia.

Com effeito deu á luz este livro, e por esta occasião publiquei, no *Iris*, um artigo violento, continuação do de V. , que eu havia mandado transcrever. A atrevida resposta que o ..... me deu, foi a que se lê n'esse papeluxo, que remetto, no qual (não o nego) só tem importancia as consultas dos varios advogados fluminenses, a respeito da lei vigente.

Não obstante, ainda que eu tenha de decaír da causa, vou seguil-a, não tendo já instaurado os procedimentos por serem agora ferias; mas penso que para os homens de lettras portuguezes, uma decisão judicial e formal, seja ella de que natureza fôr, é um serviço. Se eu ganhar a causa, saberão elles que já tem hoje direito sobre os seus contrafactores no Brasil. Se a perder, é d'ahi que cumpre obrigar o nosso Governo a tomar iniciativa sobre uma convenção, que acha de certo as sympathias dos homens illustrados d'esta terra.

Sei isto positivamente, porque tenho estudado muito a questão, no interesse dos nossos amigos; e congreguei um dia em minha casa 15 ou 20 dos principaes escriptores e litterarios do Rio, os quaes foram todos concordes em que, ainda quando essas publica

ções não fossem contrarias á lei, sel-o-hiam á justiça, á conveniencia, e á rasão.

É evidente que, como eu não tive em vista proveito algum proprio, mas somente prestar um serviço aos escriptores da nossa nação, comecei abandonando as perdas e damnos, que exigia, a favor de um estabelecimento de beneficencia.

Dentro de poucos dias espero pois que a causa esteja decidida. Tenciono ir eu pessoalmente defendel-a ao tribunal, e sei que ella excita bastante curiosidade. Pol-o-hei ao facto do mais que occorrer; e do que n'estas communicações, feitas no momento da saída d'estes navios, lhe parecer proprio para o publico, póde V. fazer o uso que lhe approuver.

O que eu vejo é que ha muito que fazer, para estreitar tantas, tão uteis e tão importantes relações, como as que são possiveis entre as duas nações.

Disponha V., illimitadamente, das veras com que sou

De V. etc.

J. F. de Castilho.

O VERDADEIRO LINHO DA NOVA-ZELANDIA.

691 Cherburgo é das primeiras localidades da França onde o *Phormium* ou linho da Nova-Zelandia floresceu. Esta planta brotou alli as suas flores em julho de 1822 e fructificou dahi a dois annos. No passado (o de 1847) deu flores tambem em Cherburgo e pela primeira vez tambem na Europa outra especie do mesmo genero: é de flores vermelhas; confundida com a de flores amarellas, não se acha designada na *Flora* da Nova Zelandia de Achilles Richard. Comtudo as duas plantas, cuja primeira indicação devemos a Cook, offerecem caracteres especificos bem distinctos e mui faceis de apreciar, merecendo captivar novamente a nossa attenção. Com effeito, parece que ellas dão os bellos filamentos que José Banks, e mais tarde Labillardière submetteram ao attento exame dos economistas e cultivadores. Esta planta nos ministra mais um exemplo da importancia das questões sobre especies, quando se transportam ao campo da applicação.

M. Decaisne demonstrou que os chins empregam duas castas de ortigas no fabrico de seus pannos, e que não tinhamos recebido em França se não a planta que lhes fornece uma filaça e teia grosseiras.

O mesmo facto se reproduz a respeito do *Phormium:* parece-me demonstrado actualmente que as fibras que se obtem na França provém do *Phormium* de flores amarellas que dá filamentos mediocres; agora, porém, devemos a M. Doucet a introducção da especie com que os habitantes da Nova-Zelandia fabricavam e ainda fabricam os seus tecidos.

Labillardière reconheceu effectivamente que sendo representada por 16 $\frac{1}{3}$ a força média das feveras do canhamo, a do *Phormium tenax* é igual a 23 $\frac{5}{11}$, ao passo que a da pita é de 7, a do linho de 11 $\frac{3}{4}$, e a da seda de 34: vê-se, portanto, que a filaça do *Phormium* só é vencida em tenacidade pela seda.

Quanto á força de dilatação, *extensibilidade* destas diversas substancias; sendo a do linho $\frac{1}{2}$, a do canhamo 1, a do *Phormium* é 1 $\frac{1}{2}$, a da pita 2 $\frac{1}{2}$, a da seda 5.

Resta-nos ao presente fazer curtir simultaneamente, tecer, e fabricar em cordas as fibras das duas especies que possuimos em Cherburgo para nos certificarmos do valor respectivo da filaça de ambas, de modo que se realcem pelas experiencias as vantagens que poderá appresentar á industria a fevera do verdadeiro *Phormium tenax*, com que acabamos de enriquecer-nos.

M. Dalton Hooker, que visitou a Nova Zelandia, não deixa duvida alguma a este respeito. «Conheço (diz elle) duas especies de *Phormium*; a planta maior de flores vermelhas é o verdadeiro; abunda principalmente nos sitios do norte da ilha. A especie mais pequena é mais rara; é mais delgada e dá flores diversamente coradas; é mais commum na parte do Sul da ilha. Chamei-lhe *Phormium Colensoi*, e a respeito della remetti uma nota a M. Colenso, mas não sei que a publicasse. Sir J. Banks a descobriu, e reputou-a como variedade do *Phormium tenax*.»

Daremos a descripção da planta que floresceu em Cherburgo.

As folhas são tesas, ensiformes, agudas, fortemente aquilhadas e vergadas sobre si na base. São planas no restante de sua extensão, muito inteiriças, glabras, verdes por cima, um tanto mais descoradas por baixo, porém menos alvas que as do *Phormium* de flores amarellas, mais estreitas e mais finamente estriadas. A haste é direita, da altura de metro 1,20, de um verde-mar desbotado, levemente angulosa e um pouco enrugada: termina por uma panicula, composta de onze raminhos assaz espaçados, alternos disticos, da mesma côr, na origem encostados á haste, e depois formando com ella um angulo muito aberto. Antes da florescencia, cada um dos raminhos está embrulhado n'uma capulho, ou espatha membranosa, lanceollada, afrechada, acuminada, dobrada sobre si mesma e d'um verde amarellento e caduco. As flores são numerosas, em fasciculos e sustentadas por pedicullos articulados.

O perigone tubuloso, levemente arqueado, de 0,03 m de comprido, reparte-se em 5 divisões, tendo as tres exteriores de um bello vermelho escuro até á extremidade ás vezes alaranjadá, perfeitamente lisa, um pouco mais curtas que as interiores que são verdes pelas duas faces, quando as exteriores sómente o são pela banda de dentro. Seis estames designaes, de um bonito vermelho de grã; as antheras saggitadas, agudas, violaceas, de pollen alaranjado. O estylete levemente arqueado de comprimento igual aos estames, um pouco turgido na base e na côr similhante aos filetes. Durante a anthése, o tubo do perigone se enche de um liquido sacharino e um tanto viscoso.

Esta especie faz moitas muito mais espigadas que a outra: as folhas são mais estreitas, mais hirtas, de verde mais desbotado, e parecem doentes em comparação das do *Phormium* de flores amarellas. O pé que floresceu está plantado junto de um muro exposto ao meio-dia n'uma eminencia ao sueste de Cherburgo e n'um terreno muito secco. Trouxe directamente da Nova-Zelandia o capitão Doucet, commandante de uma baleeira do Havre: e foi colhido em 1839 n'um outeiro pedregoso e arido nas circumvisinhanças de *Chaldy Bay*, situado em 46° 30′ lat., 166° 23′ long., não longe da bahia *de la Preservation*. As plantas trazidas para a Europa floresceram a bórdo do navio durante a sua arribada ao Chili, e deram capsulas mui

m m
compridas de 0.8 a 0.10, retorcidas e contendo grande numero de sementes achatadas d'um preto bonito e lustrosas.

M. Le Jolis.
(*Revue Horticole.*)

MEDIÇÃO DE TERRENOS.

692 O systema até agora empregado em Portugal para medir terrenos pelos quatro lados de Norte, Sul, Nascente e Poente, sem ser por meio de planta, é systema erroneo, porque não se classificando mathematicamente as inclinações das linhas curvas ou rectas, nem as graduações dos angulos, nenhum agrimensor ou engenheiro poderá calcular a quantidade de braças superficiaes; nem com taes medidas se poderá formar um desenho para o proprietario vêr o que possue; mas pelo contrario, ficará sempre ás escuras, e virá a ser defraudado tanto pelo máu visinho, como pela negligencia ou má fé dos caseiros, ou feitores, embora estejam os terrenos bem marcados com marcos de pedra, vallados etc. etc.

Um facto acontecido nas immediações desta capital provara com evidencia esta verdade. Um máu visinho defraudou um proprietario, estendendo pouco a pouco o seu limite pelo terreno fóra entre dois marcos, descrevendo uma linha curva: o proprietario queixou-se, mas o visinho disse: — «confira as suas medições, e verá que nada lhe tirei.» — E na verdade tendo-se conferido esta extensão com a medição judicial, que diz simplesmente o comprimento sem declarar se a linha em toda a sua extensão é recta, curva, ou mixta, encontrou-se que este lado não diminuiu antes pelo contrario tinha augmentado em comprimento, pela razão de que uma linha curva é mais extensa, que uma recta; mas não se julgue por isso effectivamente que o proprietario não tenha sido roubado: infelizmente, apezar da sua justiça não póde prova-lo.

Se estas medições feitas por juises e escrivães, leigos na arte do agrimensor, valessem para alguma coisa, ter-se-hia seguido este systema em França ou na Italia, mas nestes paizes foram reprovados, e com razão, porque um terreno medido deste modo, não mostra o que realmente elle é, por isso que nos dictos paizes as medições judiciaes ou amigaveis são feitas por mão d'engenheiros ou peritos agrimensores e as suas obras teem toda a fé em juizo e fóra d'elle.

É tanto conhecida a utilidade das plantas, que nos referidos paizes não se effectua uma troca ou venda de propriedades, sem ser por meio d'uma planta, para o vendedor mostrar o que vende, e o comprador o que compra.

Tem acontecido em Portugal, que depois de um individuo ter comprado um terreno, vir um terceiro declarar pertencer-lhe parte da mesma propriedade; — por isso se todos os proprietarios tivessem as suas plantas, e baseasem as suas vendas e trocas nas mesmas, evitariam contextações futuras.

É de tal maneira conhecida a utilidade das plantas, que, na Lombardia e nos estados venezianos, as auctoridades regularam a contribuição directa pela quantidade superficial de terreno de cada proprietario formando um mappa censitario com suas respectivas qualicações.

Além das vantagens apontadas, tem o proprietario a de vêr no seu gabinete os seus differentes ramos de cultivo e a configuração e medição das terras e mato em braças quadradas, de formar sobre os mesmos desenhos, projectos de melhoramentos de que esses bens carecerem, e de dar ordem aos seus administrados para plantações, córtes etc. etc.

F. P. Vidal.

SEMENTE DE LINHO EMPREGADA COMO SUSTENTO DE GADO.

693 Desgraçadamente ha muita gente que diz, de boa fé, que a sciencia não serve de nada em agricultura: a pratica é tudo. Ninguem duvida que unicamente a sciencia sem a pratica possa servir para muito: ao mesmo tempo que a pratica só, muitas vezes, é bastante. Se isto é incontestavel, tambem o é egualmente, que a sciencia póde e deve vir em auxilio da pratica.

Os diversos empregos da semente de linho na economia rural nos offerece, do que levamos dito, um notavel exemplo.

Ha alguns annos, uma grave celeuma se levantou entre os chimicos, que se dedicam ao exame da parte d'esta sciencia, que diz respeito aos estudos dos phenomenos da vida.

Uns diziam que, na alimentação, as substancias alimentares soffrem transformações completas, e que os alimentos mudam inteiramente de natureza. Outros sustentam, que o contrario é que é exacto, e que os alimentos não dão, pela digestão, senão os seus principios immediatos: donde se segue, que nenhum animal poderá engordar pelo sustento que não tiver materias gordas. D'isto proveio o descobrimento de gordura no feno, o que explicou perfeitamente a gordura dos animaes herbivoros.

Ninguem ha que se não recorde de um facto acontecido na Academia das Sciencias de Paris. Um dos adversarios de M. Dumas trouxe um dia á Academia um pato mui gordo: — «Srs. — disse elle — vedes este pato e como está gordo: — pois bem; desde que nasceu não tem comido senão milho, e ninguem dirá que esta especie de cereal contém em si materias gordas. Á vista d'isto, M. Dumas não póde negar que a substancia do milho não se haja transformado em gordura, pela digestão, no interior do animal.»

M. Dumas tomou nota da quantidade de gordura, que se havia achado no animal, e da quantidade de milho consumida pelo mesmo; e obrigou-se a responder na proxima sessão.

Na semana seguinte, appresentou-se M. Dumas á Academia com um pequeno frasco cheio de um oleo côr de oiro e limpido, extrahido do milho, e demonstrou, que o pezo d'aquelle oleo era exactamente o pezo da gordura do pato; de sorte que o seu adversario, apenas veio confirmar a sua doutrina, em vez de a destruir.

Pouco a pouco esta doutrina, apoiada em factos, foi ganhando voga entre os agricultores. D'aqui proveio o empregar-se as sementes oleaginosas para a cêva dos gados; e foi possivel calcular que quantidade de materias gordas alimentares ministrada aos gados produz uma dada quantidade de gordura.

Na Inglaterra e na Escocia, onde os agricultores instruidos abundam, este facto foi logo comprehen-

dido e posto em pratica: e em alguns sitios já se teem feito de proposito cultura só para se empregar a semente do linho no sustento dos gados.

Já hoje se começa a introdusir a farinha dessa semente no penso dos animaes de toda a especie.

Finalmente é nossa opinião, que os adversarios mais declarados da sciencia e da theoria, em vista do que levamos dito, são obrigados a confessar, que se a sciencia não tivesse trazido a lume as vantagens dos alimentos gordos para os animaes, e a maneira como estes alimentos obram na sua alimentação, não era a pratica sufficiente para descobrir um tão util meio, tal como o do emprego da semente de linho.

M. I.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

694 Mal poderei hoje descrever tudo quanto sinto.

Desde que cheguei á cadêa do Porto, ainda não escrevi uma palavra.

Saí de Lisboa e lá deixei inteira a alma.

Margarida! a minha saudade, que é a vida de quem padece ausente, velará junto a ti, como se fôra o teu Anjo da Guarda.

Em quanto o *barco de vapor*, em que vim, abria caminho por entre as vagas, parecia-me que no mar, que me não deixavam vêr, percebia uma imagem da atribulada existencia, que passo.

Some-se-me a vida em um ermo.

Os dias que vão caindo para a sepultura, são muitas vezes escurecidos por essas tempestades violentas, que revolvendo os sentimentos, nos seios d'alma, açoitam, como ondas de fogo, os mais ternos affectos do coração, e os mais queridos desejos do pensamento.

Quando assim padeço, parece que a esperança morre, e que apenas algum gemido da fé, quasi em ultima agonia, quebra o horror de taes tormentos.

¿¡Santo Deus! Porque sentirei morrer o desejo, apenas me desponta na phantasia?!

Muitas vezes pensei no mar.

Queria vêl-o, e atravessei-o vindo dentro de um navio, sem que me deixassem soltar o pensamento, escravo de tantas dores, pela amplidão mysteriosa, que me cercava.

Só ao entrar a barra do Douro, e de cima da escada, que ía dar ao convez, vi parte da scena, por que ha tanto suspirava.

Assim que a brisa fria do Oceano me afagou as faces, que uma vigilia inquieta e violenta tornava ardentes, logo os olhos me fugiram dos quebrados e negros rochedos, que se levantam nas margens do rio, para se fitarem na esteira denegrida, formada pelas ondas, que a luz da manhã abrilhantava, em partes, e que nas proximidades da costa erguia globos espumosos, que se desfaziam tocando nos rochedos.

Maravilhava-me tudo quanto eu via; mas o que me captivava o pensamento era o grandioso espectaculo do Céu, e do mar, parecendo abraçar-se nos phantasticos limites do horizonte.

Para além da cortina de confusa névoa, que marcava o ponto mais remoto, alcançado pela minha vista, procurava a alma de meu pae, e era nessa solidão, que Deus só povoa com o seu poder, que imaginava encontrar a minha malfadada e tão misera Margarida.

Eis-me outra vez cercado por estas paredes macissas e denegridas, que foram as primeiras que me prenderam a liberdade.

Quando saí do Limoeiro, acompanhado pela escolta, não sei por que olhei ainda para aquella caza, como quem ahi deixava alguma coisa, que amasse.

Ficavam-me lá pensamentos, dourados pela pura luz da aurora da minha vida, envoltos em funebres recordações.

As lembranças da minha leda infancia, do meu innocente amor, são coisas que amo, como se as animára o santo sôpro da vida.

Despedia-me de todas essas recordações, vendo, quem sabe se pela ultima vez, aquella caza irregular, e que com a mascara de uma pintura clara, e bem conservada, esconde abusos terriveis, e escandalos inauditos.

Neste ponto a cadêa do Porto é menos hypocrita.

O seu aspecto denegrido e severo horrorisa mal se avista.

Os olhos pasmam ante essa especie de templo do castigo, em quanto o coração se opprime com as supplicas, e queixas lastimosas, que centenares de presos soltam, atravez de varias ordens de grades negras e robustas.

Cada janella parece uma porta do inferno!

Basta que uma pessoa passe por qualquer das tres frentes da cadêa, para que um numero immenso de alcofas, ou ceiras, presas por cordas a grandes varas, comecem a mover-se ao som de um choro de tristes e desesperadas supplicas, que misturam o terror com a piedade na alma de quem os escuta.

* Vem do n.º 37.

Disseram-me que em Lisboa tambem d'antes acontecia o mesmo.

Acabaram na cidade com esse habito. Como era uma vergonha externa supprimiram-na; mas deixaram subsistir a mesma viciosa e falsa organisação interna, que tanto prejudica os bons costumes, e o justa andamento dos processos.

Ao saír do Limoeiro, estranhei o ar livre da rua: não podia andar.

Por todo o caminho, me faltavam a vista e as forças.

A minha vinda para o Porto, foi como um sonho de liberdade

Antes de, para sempre, perder tam apreciavel bem, quiz Deus que ainda de longe a visse.

Não sei como hei-de mandar entregar a carta, que o Procurador Regio me deu em Lisboa, para um dos advogados desta cidade.

¡Que será de mim a sós no mundo com a minha triste sorte!

Quando, haverá dois annos, me aproximei deste sombrio e magestoso palacio, pensei, ao subir as suas escuras e humidas escadas, que o coração se me não havia de partir com maior dôr.

Enganei-me....

A triste, que o amor enlouqueceu, ficava entregue aos cuidados de almas amigas: minha mãe não tinha ainda passado do leito para a sepultura, e meu pae, por singular favor concedido ás suas mui amarguradas supplicas, pôde despedir-se de mim, quando eu descia o ultimo degrau da escada ingreme, que do primeiro pavimento ía dar á enxovia, para onde me conduziram.

Estas prisões são aqui muito mais horriveis do que em Lisboa.

Quando o carcereiro nos mandou parar, depois de termos dado alguns passos por um corredor, que em semicirculo parece atravessar interiormente o edificio, mandou levantar um alçapão estreito por onde apenas caberia um homem.

Disseram-me que descesse: cuidei cahir n'um precipicio que se abria aos meus pés.

Os sentidos enfraqueceram-me ao entrar naquella atmosphera de miasmas reprimidos pela falta da livre entrada do ar.

Ainda hoje não sei como pude chegar ao cabo daquella escada rota e quasi empinada, e apenas sustida por duas vigas enterradas no chão.

Ao presente voltei para outra enxovia similhante a essa, desci como então mais de cincoenta degraus, mas deixei Margarida entregue á barbaridade ou desleixo de braços mercenarios.

De minha mãe, já não resta senão um cadaver, e do meu pae.... tambem o mesmo.

¡Ambos mortos, e em tam curto espaço!

Valha-me ao menos esse enviado de Deus, que, junto da sepultura de meu pae, me envia com as mais tristes palavras, que se pódem escrever, esperanças que nem eu podia imaginar!

Bem o dizia elle nessa sua segunda carta — « hoje só encontras a dôr nas minhas palavras; mas quando Deus te houver valido com a resignação, encontrarás tambem a esperança encoberta com o véu das tuas lagrimas. »

Muitas vezes tenho lido essa carta, e ainda hoje copiando-a, vou de novo graval-a no pensamento.

(Continúa.)

A BORDO.

AO MEU AMIGO J. V.

Un soir, t'en souvient-il ? nous voguions en silence;
.....
Lamartine.

695 Eu amo o campo, a cidade;
Mas o bem da liberdade
No mar está:
Mais quero á melancolia,
Que elle influe, do que á alegria,
Que a terra dá;

Eu amo do campo as festas,
As planicies, as florestas,
Fructos e flores;
Da campestre frauta a toada
E a choupana ao sol vedada
Dos lavradores;

Amo a serra inculta, agreste;
A tenue nevoa, que a veste
Da côr do céo;
Nos robles da encosta o soido
Do vento, e o rouco latido
De audaz lebréo;

Amo o fasto, a immensidade
De populosa cidade;
E a multidão
Dos paços, das praças suas;
E a basta selva de ruas
Que acurva o chão;

A torre, que as nuvens fende,
Zimborio donde se estende
Vista sem fim;
O Templo de anciâa structura
Onde mal resta a figura
De um seraphim;

Mas nada ha, que mais deleite
A minha alma, e que a sujeite
Tanto a pensar;
Que mais a enleve em seu gôzo,
Que o vulto immenso, e espaçoso,
Do largo mar...

Ó mar! imagem sublime
Do que á escravidão se exime,
E livre está!
Só de Deus ás leis sujeito,
A ninguem jámais dás preito,
Que a Jehováh!

Como eu te amo! — quando as vagas
Com que tu beijas, e afagas,
O baixel meu,
Lá me levam balouçado,
Qual terno infante embalado
No berço seu!

Amo-te nessa ardentia,
E até na rude harmonia
Dos roncos teus,
Quando engolir-nos pareces,
Até que humilde obedeces
Á voz de Deus!

Eu amo o campo, a cidade;
Mas o bem da liberdade
No mar está;
Mais quero á melancolia,
Que elle influe, do que á alegria
Que a terra dá.

J. M. Campêlo.

ARCHEOLOGIA POLITICA.

IV.

696 Os nossos monarchas foram sempre mui accessiveis aos seus (archeologicamente fallando) vassallos, dando-lhes audiencia, não só no paço, em dias certos, mas até ás portas dos tribunaes a que costumavam presidir. D'isto achamos testimunho (e ás vezes tambem anecdotas) nas Chronicas, e, mais perto de nós, nas Gazetas.

O marquez de Pombal coarctou muito este « direito de petição oral », e fez uma especie de pragmatica para as audiencias que el-rei dava ao publico todas as semanas. Por ser documento inedito, e que nos parece servir de muito para complemento da biographia politica d'este notavel estadista, aqui a estampamos.

Instrucções sobre as pessoas que Sua Magestade prohibe sejam admittidas a entrarem nas suas Audiencias publicas.

1.° Frades nacionaes, que não sejam os Prelados maiores d'estes reinos, ou seus substitutos (nos casos de morte ou ausencia), e por taes notoriamente conhecidos.

2.° Frades ou seculares estrangeiros, que não mostrarem por portarias da Secretaria d'Estado dos Negocios d'aquella Repartição, haverem se legitimado para chegar á Real presença de Sua Magestade.

3.° Donatos, hermitães, ou sejam nacionaes ou estrangeiros.

4.° Mulheres que não sejam notoriamente conhecidas pelas mesmas que se annunciarem ao porteiro da Cana, e a todos manifesto serem pessoas nas quaes cesse toda a má suspeita, a menos que não apresentem certidões de legitimação expedidas pelos Corregedores ou Juizes do crime dos bairros onde tiverem as suas respectivas residencias, ou rubricadas pelo Intendente Geral da Policia; mostrando estas mulheres pela fé de uma ou algumas pessoas de credito, que são as mesmas conteudas nas ditas certidões, prevenindo-se na mão dos mesmos Porteiros um exemplar das ditas certidões, para os conferirem nos casos occorrentes, procedendo-se a immediata prisão contra quaesquer pessoas que forem achadas em falsidade a respeito de tão delicada materia.

5.° Homens de capote, redingote, casacão ou qualquer vestidura comprida que lhe cubra o corpo.

6.° Clerigos que não forem notoriamente conhecidos por homens dignos do seu estado, a menos que, no caso de serem das provincias, não venham legitimados com as certidões que melhor poderem ser appresentadas na sobredita fórma.

§ E os Porteiros que estiverem de guarda na outra porta, por onde se passa da sala dos Porteiros da Cana, para a primeira ante-camara do Docel, devem impedir:

1.° Que entrem com espada, espadim, ou faca de matto á cinta, pessoas que não forem Fidalgos, Nobres, ou Militares, conhecidos por taes, como se pratica em todas as côrtes da Europa, e se está praticando em todos os tribunaes de Lisboa.

2.° Que as pessoas desconhecidas e da plebe sejam muito exactamente observadas e vigiadas, de sorte que n'ellas cesse toda a presumpção de levarem comsigo quaesquer armas occultas e aleivosas, dando-se exacta busca n'aquellas em quem concorrer apparencia de gesto, receio ou outro indicio que possa fazer logar á dicta presumpção. Paço de Nossa Senhora da Ajuda 3 de março de 1770. — *Conde de Oeiras.* Para o Porteiro-mór *João de Sampayo.*

Muitas inducções politicas se podem tirar d'este regimento das audiencias regias, a que agora não podemos dar margem. É notavel porém a prescripção que veda os frades de fallarem a el-rei! E tambem a que equipara as mulheres de mau viver (art. 4.°), aos clerigos devassos (art. 6.°), para lhes prohibir de receberem audiencia do soberano. Tanto foi sempre (e com rasão) entre nós abjecto um ecclesiastico escandaloso. Notâmos por ultimo, que n'estas Instrucções, se faculta a todo o homem do povo, sem restricção, o ir á audiencia requerer ou queixar-se a el-rei.

A. da Silva Tullio.

NOVISSIMO DICCIONARIO FRANCEZ-PORTUGUEZ.

PELO SR. PEREIRA REIS.

697 Temos visto annunciada em varios periodicos a publicação de um novo *Diccionario Francez-Portu-*

quez, e tambem nos chegou á mão o *specimen*, que desse *Diccionario* se distribuio, contendo duas paginas pertencentes á lettra H.

Se nos é dado proférir uma opinião sobre o futuro merecimento do *Novissimo Diccionario*, pelo pouco que delle vimos, podemos assegurar que satisfará, e ainda excederá o que promette no prospecto, pois já nas duas paginas publicadas, além de 37 termos novos e de muitas significações corrigidas, encontramos o equivalente dos pezos e medidas francezas em pezos e medidas portuguezas, e desta sorte vimos reparada uma falta indesculpavel dos antigos Diccionarios.

O nome do auctor, com quanto nos não seja familiar, é, segundo nos informam, o mesmo do traductor portuguez dos *Mysterios de Paris*, e tambem o vimos estampado no frontespicio de uma traducção da *Nomenclatura Chimica*. Estes dous trabalhos litterarios abonam sufficientemente o Sr. J. P. Reis para compor um *Lexicon* das duas linguas, franceza e portugueza; pois só quem está bem versado nos dous idiomas, e quem conhece com perfeição a sua correspondencia, é que podia traduzir como traduzio os *Mysterios de Paris*, e escrever a advertencia e as valiosas notas da *Nomenclatura Chimica*.

Affiançam-nos tambem que o auctor é proveitosamente coadjuvado por amigos que tem formado vocabularios de termos de certas especialidades, como de marinha, construcção etc. etc.

É de esperar que todos os amantes da litteratura portugueza concorram a coadjuvar e apressar a publicação deste *Diccionario*; porque nesta nossa pequena terra não é possivel emprehender publicações de certa ordem, sem a certeza de immediata extracção daquelles exemplares, ao menos, que devem cobrir as despezas da impressão.

Não nos admiraremos porém se por falta de assignaturas deixar de se fazer esta publicação, porque estamos costumados a vêr desprezadas obras de mais merecimento, e bem acolhidas as recheadas de futilidades.

Estamos persuadidos de que a publicação se fará e concluirá com brevidade, uma vez que o editor chegue a contar com as seiscentas assignaturas que exige: o melhor penhor de brevidade para os assignantes está no interesse do editor.

A. da S.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES

DE 23 A 26 DE AGOSTO.

Diario n.º 199.

698 Decreto nomeando uma commissão para a organisação do Poder Judicial.

Carta de Lei fixando a quantia de 11:002:997$735 réis para a despeza geral do Estado no anno economico de 1848 a 1849.

Sendo para a Junta do Credito Publico réis 3.474:716$590.

Para encargos geraes 1.794:990$908 réis.

Ministerio do Reino 1.068:943$777 réis.

Ministerio da Fazenda 685:518$088 réis.

Ministerio da Justiça e Ecclesiasticos 415:314$450 réis.

Ministerio da Guerra 2.584:492$511 réis.

Ministerio da Marinha 766:913$687 réis.

Ministerio dos Estrangeiros 212:107:724 réis.

Mappa do rendimento da Alfandega do Porto, e sua applicação de Janeiro a Junho de 1848. Importa o rendimento 1.050:274$315 réis.

Dito n.º 200.

Aviso de se acharem bloqueados os portos de Svinemunde, Wolgart, Cammin, Kiel, Greifswalde, e os rios Elba, Weser e Jahde.

Resumo do lançamento da decima e impostos annexos no districto de Faro no anno economico de 1845 a 1846: sommando 37:905$156 réis.

Dito n.º 201.

Resumo do lançamento da decima e impostos annexos, no districto de Béja, no anno economico de 1845 a 1846. Importa em 53:660$296 réis.

O mesmo resumo do districto de Castello Branco no anno economico de 1846 a 1847. Somma 42:054$027 réis.

Dito n.º 202.

Carta de Lei auctorisando o Governo para conceder á Companhia representada por Luiz Vicente da Affonseca e José Maria da Silva, ou a outra que mais vantagens offerecer, o exclusivo da navegação por vapor entre Lisboa, Algarve, Madeira, Canarias, S. Miguel, Terceira e Fayal.

Annuncio da Secretaria do Reino pondo a concurso por 45 dias contados da publicação do dicto annuncio o exclusivo da navegação por vapor entre Lisboa, Algarve, Madeira, Canarias, S. Miguel, Terceira e Fayal.

Nota dos bilhetes creados por Decreto de 30 de Outubro de 1847, que foram recebidos na quarta parte dos direitos até 19 de agosto corrente. Importam estes bilhetes recebidos em 288:367$600 réis.

THEATRO DE D. MARIA II.

O ALCAIDE DE FARO.

Drama em cinco actos pelo Sr. Joaquim da Costa Cascaes.

699 Quando um auctor dramatico contou os triunfos pelas representações da sua composição, a critica mal póde enxergar os defeitos, que, por ventura, existam ao lado de grandes bellezas.

Em uma terra como esta nossa, onde realmente a critica é apenas conhecida, ainda a tarefa do escriptor, que pertende ser consciencioso, é mais dificil e delicada.

Por desfortuna nossa, o bom senso e a rectidão da

consciencia, não poderam, por em quanto, tomar o distincto logar, que lhes compete, e que lhes usurpam a lisonja parva e desenxavida, e o vituperio calculado e cego do despeito.

Para fugir das procellas, que certas discussões pessoaes levantam, na vida socegada do homem imparcial, ha só um meio, e vem a ser; — condemnar com o silencio, quantos disparates por ahi correm impressos com alvará de grandes coisas, passado em fórma, nos artigos communicados, com que a imprensa por vergonha nossa orna o templo da estupidez, ou nos que sem esta significativa qualificação, attestam que as redacções dos jornaes politicos teem em muito pouca conta o que se não refere aos interesses do seu partido.

Quando a critica litteraria é assim abandonada, quem ousar ser justo, é uma victima que inutilmente se quer sacrificar.

Desde que temos a honra de redigir este jornal não fazemos favor nem acinte, no que escrevemos

No que vamos dizer ácerca do *Alcaide de Faro*, precisamos, que o publico, se não engane, qualificando como censura o que apenas faz parte de um louvor.

Dirigimos esta explicação ao publico e não ao autor, porque este é homem de merito e de probidade, com quem nos entendemos perfeitamente sem necessidade das estafadas satisfações do estylo; e bem sabe que não somos dos que deixam no tinteiro, para lançar nas costas do auctor o que pensam contra qualquer das suas producções; ou dos que estudam e arrebicam as frazes por tal arte, que fazem artigo critico sobre qualquer drama um destes enigmas desenhados nas caixas de rapé, que ora representam dous macacos encostados a duas arvores, ora Cezar e Napoleão admirando-se um ao outro.

Será muito engenhoso o escrever artigos com duas faces; mas preferimos os que sejam de um só *rosto e de uma só fé*, e sabemos, que o Sr. Cascaes estima os que assim percebem os deveres da amizade, que é sempre franca, e os da verdadeira critica, que é sempre imparcial.

O Sr. Cascaes arredado pela sua indole e atilado juizo do seio das paixões politicas, é um destes homens destinados para no silencio do gabinete se entregarem ao estudo da arte.

O nosso theatro precisa de quem assim exclusivamente se entregue a um estudo especial, para que os vindoiros não recebam de nós a arte dramatica, unicamente na forma material de um edificio sumptuoso.

É mister, que sobre a pedra e ouro do Theatro nacional, pouse a intelligencia cercada pelas nuvens da gloria dos nossos applausos.

Edificae em cada praça um Theatro, mas ficae persuadidos, de que se não creardes pelo menos um poeta, sereis tidos por bem pouco!

São estes os motivos porque nós saudamos no Sr. Cascaes um homem que percebe as necessidades litterarias do nosso Theatro, e que sentindo ainda quentes no coração as cinzas que nos restam do passado glorioso da patria, vem mostrar ao publico uma imagem da chamma que o seu genio sabe atear na alma, para que não fiquem de todo vazios *os cofres de sentimentos puros*, e para que não se *apaguem os lumes que ardem no throno da virtude*.

O Sr. Cascaes é escriptor dramatico por convicção, e é portuguez, porque não sabe nem póde renegar da patria.

O seu talento progride, e não é dos que fica estacionario, entre as bellezas de qualquer producção.

Cada uma das suas composições prova o que fica dito.

Talvez que nas suas obras, o homem pensador encontre, pela analyse das paixões e das situações, alguns traços incorrectos, ou algumas côres exageradas; talvez, que a alma da mulher afinada por celestes e puras harmonias, considere por vezes falso o retrato do seu coração: mas o povo, esta parte dos espectadores, que isolada nada representa, e que junta é a soberana razão que decide das obras do genio, esse applaude sempre.

É nestes applausos que está a baze de uma grande reputação; sem os merecer nenhum auctor agradará ás outras duas classes de espectadores, tambem descriptas com a ultima de que fallamos pelo celebre Victor Hugo

O povo quando applaude é sempre justo; os pensadores podem ser parciaes e as mulheres podem ser caprichosas, mas o povo tem a razão infallivel do seu instincto.

Respeitamos mais do que ninguem as suas decisões, e metade da nossa sympathia para com o *Alcaide de Faro* nasce de o ter visto consecutivamente saudado com espontaneos e enthusiasticos applausos pelo publico, que, em todas as noites, que este drama se representa, concorre ao Theatro Nacional.

Resumiremos a traça do Drama, para mais assentadamente podermos, a seu respeito, dizer o que pensamos.

Expõe-se a acção no primeiro acto entre os folguedos da vespera de S. João proximo á Ribeira de Paderne.

As scenas populares são bem traçadas.

Ha nas fallas e no movimento do povo toda a simplicidade dessa época alumiada pela fé, que de tão alto espalhava sobre todo o reino a sua luz brilhante e clara.

A figura de D. Affonso III, como uma sombra indispensavel para o effeito do quadro, é apenas delineada com essas linhas apropriadas e energicas, que fazem com que o pensamento adivinhe o resto da figura, que o artista deixou na mente e não confiou á tela.

D. Affonso III foi um desses reis dos principios da monarchia, que a nação idolatrava e seguia, porque sendo o primeiro soldado da patria, o povo honrava-se em lhe chamar o primeiro e o mais illustre de seus filhos.

É tambem proximo da Ribeira de Paderne que um pagem (Ramiro) trovador, como todos os pagens dos dramas passados nesse tempo, deita vistas amorosas para Ermezinda filha de Estevam Peres, cavalleiro a quem serve.

Estão juntas estas tres figuras, quando Elrei vindo caminho de Faro para o tomar aos mouros, descança em Paderne.

Affonso III adivinha o que se passa no coração dos dois amantes e promette fazer cavalleiro, se o merecer, ao pagem, que só recebendo tão distincta honra alcançará a mão de Ermenzinda.

Quasi no meio do acto, apparatosas danças e córos

apropriados prendem por algum tempo a attenção dos espectadores.

O Drama neste ponto não tem rival: foi posto em scena com toda a pompa que lhe era devida.

A Sociedade dos Artistas fez por esta occasião um sacrificio, que devendo ser muito louvado, servirá de forte argumento em favor da protecção a que tem direito.

A musica do côro guerreiro deste acto traduz perfeitamente o grito de guerra, que por todo o Portugal levava diante de si vencidas as meias luas mouriscas.

É devida ao talento e gosto já tão conhecidos do Sr. Pinto, assim como toda quanta adorna o drama, da qual ao diante iremos fallando.

Em quanto os guerreiros partem para a guerra, e o pagem Ramiro compõe aquelle improviso tão lindo e terno, que os leitores da REVISTA já lêram nas columnas deste jornal, uma barca mourisca corta as aguas da ribeira e os mouros, saltando em terra, captivam os dous amantes tão captivos um do outro.

Um rifão tirado desse segundo Evangelho, em que o povo escreve a historia da verdade, resume o facto.

E o mouro, que manda aos da comitiva, desembuçando-se do manto branco em que vem envolto e proferindo para comsigo estas palavras — «ninguem conte com o dia de amanhã» — revela já que ha nessa contradicção entre o espirito das palavras e o das acções, um symptoma do inexplicavel caracter de Ibrahim, que o auctor transformou em um mysterio na sua imaginação para o não vêr accrescentar com o seu nome mais o cathalogo dos infinitos tirannos de melodrama.

Confessamos que venceu esta difficuldade, mas devemos lealmente declarar, que a rasão não atina com a verdadeira figura, que o auctor pertendeu desenhar no quadro, esboçando com tão differentes e variadas côres o seu Ibrahim.

O matiz seduz a vista, mas esconde ao pensamento a rasão logica, que se perde nos varios aspectos daquelle caracter.

No segundo acto faremos já uma applicação destas nossas reflexões.

Em quanto os christãos escravos regam ao som de lastimosas endeixas as flores que aformoseam a morada do Alcaide, do cimo de uma galeria que dá para o pateo, onde esta scena se passa, um vulto de mulher observa e escuta absorta em profunda meditação.

É Zulmira, a filha de *Aben-Baram*, o *Alcaide de Faro*.

É uma figura, que o auctor collocou ao lado de Ibrahim, como se fôra o seu anjo mau.

Tambem nesta parte o Sr. Cascaes, a nosso vêr, se afastou um pouco das regras rasoaveis da arte.

Zulmira é, como dissemos, o anjo mau de Ibrahim, mas não tem as suas candidas azas queimadas pelo fogo do inferno.

Ibrahim ama esta mulher com esse amor impaciente e desesperado, que tão bem se aviva no coração, em que gira o sangue do Oriente, e ella, a tão amada, paga com indifferença e depois com desprezo tão extremosa paixão.

Não é só isto que faz a desventura do mouro.

Zulmira apaixona-se por um captivo que a repelle, porque é Ramiro que ama Ermezinda com fino affecto, que não quebraria nem com o mago encanto dos feiticeiros olhos da mais formosa filha do Propheta.

É nesta paixão de Zulmira, que não encontramos a verdade da arte, e nem talvez a verdade da vida.

Pelo amor esquece tudo, pae, religião, e até aos pés do christão se avilta a ponto, que metade da mais casta innocencia se perderia só com tão loucas acções.

Repugna ver uma mulher requestar um homem com a pertinacia mais seguida e duradora, que se possa imaginar, e isto sem que nem um sorriso, ou um volver de olhos animassem nunca a sua paixão.

Sabemos que este facto, que revolta, póde existir no mundo bem como todas quantas excentricidades ou crimes a phantasia imagina: mas convirá que o pintor, que, no retrato do mendigo, traça a imagem da indigencia o faça asqueroso, que enoje, ou immundo de modo que se não possa vêr?

Por certo que não.

A verdade da arte tem meios para copiar a verdade da vida sem faltar aos preceitos que a regulam.

Quando dizemos que tambem a figura de Zulmira nos não parece conforme á verdade da vida, é porque julgamos que um amor de mulher sempre despeitado e nunca apreciado, não toma corpo que o mude em paixão, sem que o despreso do homem que ama em logar de ser indifferença que nunca se alterou, seja ingratidão que se mostre como vestigio de antigo amor.

Tendo diffinido os pontos em que o auctor formou estes seus dois caracteres, e havendo tambem patenteado que nos afastavamos da sua opinião, cumpre-nos dizer que nas hypotheses que estabeleceu, soube conservar o rigor logico até ao fim do drama.

E se estes caracteres são falsos para a critica, por certo que o não são considerados em relação ao encadeamento das acções que delles faz nascer.

É no 2.° acto que Zulmira depois de procurar o captivo que deseja afastar para longe de Faro, e depois de ser surprehendida em seus empenhos por Ibrahim, a quem em violenta scena chega a chamar espia, tem de se curvar a esse mesmo Ibrahim para que seu pae não saiba dos seus loucos amores.

Ibrahim que ameaçava, quando ella insultava, obedece mal que em um sorriso, Zulmira lhe manda ao coração uma remota esperança.

O moiro esconde Zulmira, e está luctando com os encontrados sentimentos do seu coração, quando o Alcaide lhe vem pedir estranho conselho.

Aben-Baran é um ancião respeitavel pela sciencia e pelos annos.

Esta figura é a mais perfeita, é o primor do quadro.

Ella só basta para revelar, que foi mão de mestre a que lhe deu aquelles toques de vida, que a distacam do painel, como uma figura firmada sobre as tradicções heroicas de eras quasi fabulosas.

Não foi só destinado para traçar quadros da eschóla de *Hogart*, quem assim nos sabe iniciar nos mais intimos misterios de um coração magnanimo, e que nos retrata tão sublimemente as quedas do espirito, que escravo do corpo ousa querer voar para o lado do Creador, sem se haver purificado na sepultura da perdição que lavra pela terra.

Nós prophetisámos ao Sr. Cascaes, este resultado; quando uma leitura da sua comedia popular, *A Noite de Santo Antonio na Praça da Figueira*, fazia com que alguns, dos seus muitos amigos, o abraçassem como um dos nossos primeiros auctores comicos.

Folgâmos com que assim aproveitasse o duplo talento com que Deus o fadou.

O auctor que imaginou o caracter do Alcaide, devia ter á cinta, como o Sr. Cascaes, uma espada honrada pelo valor e pelos perigos da guerra. Só um militar como elle ousaria sustentar, que a entrega de uma villa, póde ser serviço mais louvavel do que a sua defeza.

Os excellentes monologos e dialogos do *Alcaide* são a prova solemne de que este ponto foi cabalmente satisfeito pelo auctor. E a figura de Aben-Baran enche perfeitamente parte do segundo acto.

Basta ella para que o Sr. Cascaes fique occupando um dos primeiros logares, entre os nossos dramaturgos. O terceiro acto é passado no carcere do captivo Ramiro.

Ha no principio uma canção improvisada pelo trovador, na qual são bem descriptos os padecimentos de quem perde a liberdade.

O ciume e a paixão luctam frente a frente no decurso do acto.

A recatada moira desce ao carcere de Ramiro, e assim bem desmente o que ácerca de moiras se crê, e conta, e o que tambem nos pinta o auctor das Orientaes, quando diz

LA SŒUR.

Qu'avez-vous, qu'avez-vous, mes fréres?
.....
Sous vos doigts, à demi tirées,
Les lames des poignards ont lui.

LE FRÈRE AINÉ.

N'avez-vous pas levé votre voile aujourd'hui?

LA SŒUR.

Je revenais du bain, mes frères,
.....
L'air de midi m'a suffoquée:
Mon voile un instant s'est ouvert.

LE SECOND FRÈRE.

Um homme alors passait?
.....

LA SŒUR.

Grâce! qu'ai je fait? grâce! grâce
Dieu! quatre poignards dans mon flanc!
.....
Ne fuyez pas mes mains qui saignent,
Mes fréres, soutenez mes pas!
Car sur mes regards qui s'èteignent
S'ètend un voile de trépas.

QUATRIÈME FRÈRE.

C'en est un que du moins tu ne lèveras pas!

Ermezinda tambem apparece em scena e vem trazida por Ibrahim, que surprehendendo, pela segunda vez, Zulmira entregue ao desvairado amor, que tanto a avilta, trata de se vingar estrondosamente, mas não sem grave quebra nos sentimentos de um coração nobre. — O *espia* do 2.° acto, faz-se *delator*, e fechando no carcere Zulmira com Ramiro, corre, levando arrastada comsigo a misera, que trouxera, para ir annunciar ao Alcaide, que sua filha querida, a unica joia do seu thesoiro de afectos, festeja com a deshonra o anniversario de seu pae.

No 4.° acto as festas com que as moiras saudam o dia natalicio do seu Alcaide, que tanto padece em segredo para lhe poupar as vidas, deixam repousar a imaginação, que no fim se banha em lagrimas, vendo o desenlace sublime dos differentes sentimentos que no drama se combatem.

A scena é mui bem pintada, e ainda no nosso theatro não vimos quadro que mais encantasse os sentidos, do que os formados pela pintura, pelos actores e comparsas que n'essa occasião figuram.

Findas as festas, Estevam Peres, que, da parte de D. Affonso, vem saber a resposta do Alcaide, exige a filha, que jaz captiva de Aben-Baran. — Este dialogo, curto, repassado de ternura e de saudade é bem escripto.

Segue-se-lhe outro, que, em nossa opinião o excede.

Em quanto Aben-Baran imagina as alegrias do pae, que ao cabo de ausencia mui chorada, vae apertar nos braços a filha querida: Ibrahim entrando em scena, para cumprir suas vingadoras intenções, lucta ainda com um resto da nobreza da sua alma, lembrando-se de quanto será terrivel para o pae debruçado no tumulo e com o coração vogando incerto sobre a defeza de Faro, que lhe digam — « tua filha está perdida, lança-lhe a maldição em logar dos teus affagos, tira-lhe a vida com o teu alfange, em vez de a cingires com teus braços! »

É para nós um erro o pensar que esta anthitese de sentimentos se assimelha aos absurdos dialogos com que nos dramas antigos o dialogo disparatadamente se prendia com as palavras de um monologo.

No caso em questão a similhança das palavras, a ligação das idéas nasce da identidade das situações, e tanto basta para justificar.

Não queremos com pallida cópia amortecer aquellas côres brilhantes que o auctor derramou abundantemente pela metade ultima do quarto acto.

Os aplausos andam a par dos pontos que dividem as orações.

E o enthusiasmo em todas as representações chega a ponto que os espectadores parece que se erguem como um só homem para receberem nos braços o Alcaide, que desfalece porque para ser pae não cumpre a palavra que dera em uma jura que imprudente lhe saíra dos labios.

E com tudo ainda no amago do drama, nesta scena que é tal vez o seu dezenlace natural, as nossas ponderações ácerca do caracter de Zulmirá e de Ibrahim tomam mais vigor.

Ella ostenta a paixão que a envergonha, e elle não contente com o sacrificio inaudito que exige, faz passar de mão em mão o documento que a perde aos olhos de todos.

É possivel imaginar que se não avilta a alma do que afoga a vingança no sangue da mulher que o des-

preza, mas não ha pendão, não ha descuipa para o que covardemente avilta, pondo um nome de mulher no pelourinho da infamia.

A espada que as mãos do pai não pódem suster, tambem cahe das mãos do amante, e se a paixão de Zulmira não acendesse de novo o ciume no coração de Ibrahim, elle não voaria de espada em punho para extinguir o seu furor, vendo caír aos pés o cadaver do rival preferido.

O 5.° acto em nossa opinião cabia no 4.° O auctor não o entendeu assim, e reconciliando os dois rivaes, lançou ainda sobre a pobre Zulmira, mais dois golpes despedidos pelo desprezo unido de dois homens.

Realiza-se a entrada em Faro, por convenção secreta com o Alcaide, e depois de breve combate — os portuguezes ficam senhores da villa, e Ermezinda que combateu em logar de seu amante, que um juramento feito a Ibrahim impedira de cumprir o seu dever, ganha para elle o gráu de cavalleiro, que lhe concede a dita de ser seu espozo.

O sabio Alcaide é denunciado como traidor a Ibrahim moribundo, e entre a injustiça dos seus, e o punhal do suicidio, só encontra os braços da filha, que tanto amava. E assim por meio de um abraço que resume o futuro de duas almas que se ligam, os que só no mutuo e santo amor filial poderiam achar mate ás suas pungentes magoas.

Cáe o panno á luz de um incendio, que soltando do peito de Ibrahim com o ultimo suspiro a declaração de que morre vingado, o denuncia como auctor desse crime inutil e que nem para o effeito da scena era necessario.

A linguagem do drama é mui formoza e variada, e se a corregissem de mui poucos descuidos que parecem desfeal-a em dois sitios, se bem nos lembra, ficára de exemplar feição.

A musica além dos logares em que a mencionámos, brilha com muita originalidade no hymno da victoria que serve quasi de fecho ao 5.° acto.

Neste genero é uma das bem pensadas composições que temos ouvido.

Para até neste louvor mostrarmos que não somos parciaes diremos, que dezejavamos mais triste e sentida a canção do 3.° acto e que nos pareceu vazada no molde da xacara dos *Renegados*, que já deve estar bem gasta pelas xacaras que tem formado.

Os creditos que o Sr. Epifanio gosa como ensaiador não precisavam desta prova, para como tal ser conhecidas, mas é força confessar, que neste ponto merece os nossos elogios.

O Sr. Rosa no desenho dos trajos foi muito feliz e regozijamo-nos de que em ponto, que demanda estudo serio e intelligencia apurada, assim se estrêe um nosso actor.

Quanto á representação tem corrido no todo satisfatoriamente, e em proporção com as exigencias das situações e com as forças da companhia.

Seriamos injustos se não fizessemos especial e mui honrosa menção do Sr. Theodorico.

O papel do Alcaide é tão bem representado, assim como foi perfeitamente descripto.

O Sr. Theodorico soube ser actor, nas palavras, no gesto e no olhar.

Ousamos dize-lo, quando acabamos de vêr a 1.ª representação do *Alcaide* fizemos ácerca do Sr. Theodorico o seguinte juiso.

Dentro daquelle vestuario de mouro ha um artista, que póde ser grande se, bem do coração, se abraçar com o estudo.

No 3.° e 4.° acto estentou-se com muito brilho o merito bem conhecido do Sr. Epifanio

Nas poucas palavras do 4.° acto o Sr. Rosa mostrou, que um curto dialogo basta para provar, que traz na frente o cunho do genio.

O Sr. Tasso, que tem vocação para a scena, mas que precisa meditar bem no que deve dizer para não perder as suas optimas disposições, deixa perder nas entonações de um estylo improprio o dialogo que precede o improviso do 1.° acto e todo o improviso do 4.°

No resto do drama faz lastimar, que se não houvesse reparado nestes dous pontos importantes.

A Sr.ª Soller que tão rapidos progressos tem feito e que na verdade é uma dessas raras intelligencias, que espontaneamente tem desabrochado no palco da scena portugueza, não desmerece o grande conceito em que já é tida pelo publico.

E seria para desejar, que não proferisse o *talvez* do final do 2.° acto de um modo, que em logar da simulada e mentida esperança que encerra, parece apenas ser uma expressão de ironia.

Tambem a maneira como no 4.° acto ajoelha aos pés daquelle de quem gostosa vae receber a morte, não é proprio da actriz, que tem diante uma carreira brilhante e que vio, grupar em volta de si a attenção de centenares de almas, quando na leitura da carta do *Casal da Giestas*, formava a baze de uma reputação, que os applausos hão de engrandecer.

Ajoelha assim uma dançarina, e hade ser *figurante*, mas nunca uma actriz.

Á *commissão inspectora*, que com a escolha deste drama abriu nova época para o Theatro, só nos cumpre lembrar, depois do devido louvor, que vele para que o bom senso e a nossa formosa linguagem, não voltem a soffrer morte affrontosa no templo, que tão magnificamente se levantou a arte dramatica.

Fecharemos o artigo declarando, que não queremos ser severos mas unicamente imparciaes, para podermos ser justos.

É assim que entendemos a critica; é assim que a praticaremos sempre.

COMMEMORAÇÃO DEVIDAMENTE FESTEJADA.

700 O anniversario da sagração do preclarissimo Bispo do Porto, foi celebrado com regozigo na Diocese, que tanto o estima.

S. Ex.ª celebrou missa de circulo, e foi cumprimentado por muitos dos seus amigos. Temos prezente cartas, que nos informam, de que o Sr. D. Jenonymo recebeu neste dia provas incontestaveis de que todos o prezam como bom pastor.

BENEFICIO DE DOIS ACTORES.

701 No sabbado proximo haverá no theatro de D. Maria II o beneficio dos Srs. Tasso, e Assis.

Os reparos, que ácerca do primeiro actor fizemos

em outra parte deste jornal, não prejudicam de nenhum modo a conta em que temos o seu merito, e muito dezejamos, que o publico lembrando se das amarguras, que por desventura nossa córtam a gloria de tão brilhante carreira, premêe com a sua concorrencia um actor digno de consideração. O Sr. Assis tambem merece as sympathias dos que prezam a prosperidade da scena portugueza.

O *Alcaide de Faro*, que nessa noite se representa, tem como recommendação as enchentes, que diariamente se repetem.

CRIME ATROZ.

702 Terça-feira, pela volta das cinco horas, passava preso pela estrada de Campolide um homem, que acabava de commetter um crime para o qual não ha compaixão.

Era um pae que havia morto sua filha!

Este homem era moleiro. Chegado a caza naquelle mesmo dia pela manhã; trava-se de razões com sua filha, rapariga de 16 annos: irado talvez com algumas respostas da filha, despede-lhe um pontapé, que immediatamente a mata!

Consumado o crime fugíra para a serra de Monsanto a ver se escapava á justiça dos homens. Foi preso pelo regedor da parochia e cabos de policia.

A visinhança diz que elle era homem de máu proceder, e que já havia sido causa da morte da mãe da pobre victima.

PRAÇA DE LISBOA.

30 DE AGOSTO.

703 Fundos publicos de 5 por cento 41 a 42 por cento. Acções do Banco de Lisboa realisaram-se compras a 432$000 réis. Acções do Banco do Porto a 224$000 réis. Acções das Lezirias 380$000 réis. Acções sobre o Fundo especial de Amortisação 40 a 41 por cento. Desconto de Notas 2:000 réis por moeda. As cotações da praça são em Notas.

THEATROS ESTRANGEIROS.

704 Lêmos no *Musical World*, que o bem conhecido piannista Thalberg estabeleceu sua residencia em Londres, sem que se dignasse visitar a nossa Capital, como se chegou a annunciar.

Jenny Lind foi de novo escripturada em Londres para a proxima estação theatral. Cantará pela primeira vez nos *Puritanos*, e no *Falstaff* de *Balf*.

O theatro real de Berlim abre no dia 1.° de setembro.

No theatro Historico, de Paris, executou-se a Ode Symphonia *Atala*, poesia de M. Dumas, filho, musica de Varney. A poesia agradou, e da musica foi principalmente applaudida o excellente côro dos selvagens, o qual na opinião da *Presse*, não tardará em tornar-se popular esta nova producção do auctor da *Canção dos Girondinos*.

Alexandre Dumas está concluindo uma nova composição dramatica intitulada *Catilina*.

EXPEDIENTE.

—

— Recebemos a carta, que de Angra nos escreveu o Sr. Senna Freitas e os numeros do *Angrense*, que a acompanham, e de tudo daremos conta aos nossos leitores no seguinte numero.

— A carta do Sr. Dr. Nilo será publicada.

— Recebemos um artigo escripto por pessoa competente, sobre as vantagens e inconvenientes da Illuminação de Gaz, mas ainda não o podémos lêr.

— A carta do Sr. Tonnellier ácerca do nosso artigo sobre a collocação das novas machinas no Arsenal da Marinha, será publicada.

— O artigo do Sr. Cascaes sobre um novo Jury Dramatico em França, será publicado.

Publicações recebidas.— Brevissimas considerações sobre o opusculo «A questão da instrucção publica em 1848.

Revista Popular, n.° 26.

O *Novo Jardineiro*, ou *Tratado da cultura dos jardins*, em que se trata da variedade das flores, com que ornam os jardins, e do modo como se cultivam para produsir melhor, e augmentado com a linguagem das flores, e ornado de oito estampas illuminadas, 1 vol. de 240 paginas. Vende-se por 400 réis, na loja de Bordalo, rua Augusta n.° 195, e no Porto, na loja de Cruz Coutinho.

Jornal da Sociedade Catholica, n.° 12.

Jornal das Bellas Artes, n.° 3 da 2.ª serie, contém além dos respectivos artigos uma copia em desenho lythographico, pelo Sr. Annunciação, de um quadro que existe na Academia das Bellas Artes de Lisboa, attribuido a Miguel Angelo e representando S. Jeronimo: *Illustração* pelo Sr. Bordallo e pelo Sr. Coelho ácerca de uma linda poesia do Sr. Cascaes — Um ai pela Patria. — Cada n.° vende-se por 200 réis na rua Augusta n.° 8.

O *Baratissimo*, ou *Pequeno Civilisador Popular*, n.° 4.

El Amigo del Pais, periodico de la Sociedad Economica Matritense.

A *Lyra*, jornal de poesias, publicado no Porto, n.° 5.

AVISO DA EMPRESA.

Tendo-se alguns Assignantes queixado de que ainda pagam porte, faz-se-lhes constar, que isso procederá de não receberem o jornal directamente do Escriptorio, na conformidade da Lei; o que poderão obter dirigindo-se, por carta franca de porte, ao Administrador da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.